



Mesa Redonda: Educação Midiática na América Latina: articulações e formações de redes.



Relato: Cláudia Lago

A Mesa redonda Educação Midiática na América Latina: articulações e formações de redes aconteceu no dia 11 de junho de 2015, no auditório da Famecos, com a presença de Alexandre Sayad, Brasil, (Unesco - GAPMIL), Rosa Monjo, Peru, (Instituto FMA) e Silvia Beatriz Bacher, Argentina, (Las Otras Vozes – comunicación para la democracia), mediada por Ismar Soares, Brasil (NCE/USP, ABPEducom).

A mesa iniciou com a fala de Ismar Soares, explicando o propósito da mesma e passando a palavra para José Manuel Peres Tornero, que enfatizou em sua fala a aproximação entre educação para a mídia e educomunicação, apontando que “Não faz sentido a oposição que existiu entre educação para a mídia e educomunicação. Hoje todos estão falando a mesma coisa “o discurso é o mesmo”. Questionou também o marketing pelo qual as tecnologias chegaram nas escolas, afirmando que “Quem deve dizer qual deve ser o uso dos equipamentos são os educadores e não os fabricantes de equipamentos”. Ao final enfatizou o não atrito entre os que pensam a educação para a mídia, sob o título de mídia educação ou educomunicação, mostrando que existe um ponto de partida e que o objetivo final é a transformação da Educação. É nesse contexto, pontua, que surge na América Latina esforço patrocinado pela Unesco para que as escolas trabalhem com mídia nas escolas. Defendeu o uso da palavra alfabetização midiática internacional, para ser mais palatável para o exterior, que trabalha com media literacy.

O seguinte a falar foi Alexandre Sayad que enfocou a articulação internacional GAPMIL – Global Alliance on Partnerships for Media and Information Literacy. Contou o histórico deste empreendimento: Em 2004 12 organizações se encontraram no Rio no Summit. As cabeças se inquietaram para formar uma rede para fortalecer o tema como política pública e na mídia e sociedade, nascendo a Rede CEP que ficou ativa até 2011, com apoio Unesco. Daí perderam o financiamento. Ao mesmo tempo aconteceram os movimentos de fortalecimento de redes na sociedade e na academia. A GAPMIL, disse, acontece a partir de um contexto global de possibilidade de crescimento, e veio para ser a rede de todas as redes. Não é acadêmica, de militância, de organizações, é um conjunto que reconhece práticas e atividades de mídia educação e advocacy no mundo, o chamado pela Unesco de

MIL – media information literacy. Com o MIL, observa, a Unesco abre nova etapa, envolvendo Edutech, Educomunicação, mídia educação, etc. A GAPMIL atua em Políticas públicas, Rede de Observatórios; Rede de Cátedras; estabeleceu uma semana anual para incorporar MIL, é um esforço da Unesco em convergir as ações de redes. Encerrou pontuando que a alfabetização é mais do que ler e escrever, é transitar no mundo comunicativo. Literacy is freedom.

A próxima debatedora foi Rosa Monjo, do Peru, ligada à Igreja Católica, que relatou o trabalho de 3 redes internacionais voltadas para crianças e adolescentes mais vulneráveis. Seu depoimento enfatizou o reconhecimento da prática educacional e formação de redes em favor do atendimento das populações mais vulneráveis, junto aos atores: CELAM, Signis Alc e Instituto FMA (ligado às mães da Maria Auxiliadora). São trabalhos que objetivam o protagonismo da Comunidade e o fortalecimento dos processos de educação, gestando um ambiente de trabalho marcado pelo encontro em que não há protagonismo, há trabalho em grupo. Mostrou o Portal digital para concentrar experiências de educação e finalizou explicando que o Projeto está em curso, com o objetivo de abrir os olhares, estender pontes e sistematizar marco conceitual em permanente construção para formação crítica e solidária das novas gerações e para a qualidade comunicativa dos novos cotidianos.

Por fim falou Silvia Beatriz Bacher, representante do grupo argentino Las otras voces – comunicación para la democracia. Silvia contou sobre o trabalho desenvolvido pelo grupo, que nasceu para capacitar os professores para que trabalhassem os meios com os estudantes. Iniciaram com um concurso nacional de rádios escolares (2003-2002) e depararam-se com um resultado que mostrou como os meios constroem realidades tão afastadas das comunidades para as quais se destinam. E como os jovens reproduziam essas mensagens. E como as mensagens falavam de solidão e de afastamento. Os estudantes mandavam histórias sobre o valor do dólar, como se isso fosse sua realidade cotidiana. As músicas eram as do mainstream. A partir daí surgiu a ideia de criar uma rede, a Rede nacional de rádios escolares, que iniciou com encontros em todos os níveis para capacitação e fortalecimento do papel dos docentes: “O sentido das redes é fazermo-nos fortes

para poder pensar”. Silvia conta: “O que buscamos não é a forma, a tecnologia, mas a recuperação da palavra para exercer um direito, o direito à comunicação e poder transformar a cada uma dessas comunidades. Se isto não sucede, las rádios não tenem sentido. Rádios são valiosas quando se compreende que os educadores, comunicadores, são cruzadores de fronteiras, são transcendentales de fronteiras. Sem sus vozes, sem sus culturas, sin sus prácticas, é impossível avançar”. Atualmente a rede tem pequenos subprojetos, todos voltados para que “La polifonia da democracia exige que escutemos los jovens. Mas temos que ajudar para que falem e não apenas reproduzam”. Finaliza assinalando que as redes não tem sentido se não existem nas comunidades a consciência de que as redes locais são as que constroem as redes gerais, são as que lhes dão sangue, lhe nutrem... “Temos que dar ferramentas para que as redes tenham sentido para as pessoas.”.